

Chegando à fé pelo Caminho de Santiago

Reproduzimos o testemunho de conversão ao catolicismo de Cuiwen, uma mulher de Cingapura cujo caminho de fé atravessou várias religiões, uma viagem para fazer o Caminho de Santiago e o livro “Caminho”, do fundador do Opus Dei.

23/07/2025

Sou Cuiwen, moro em Cingapura e estou casada há sete anos. Junto com meu marido, formamos uma família

com nossos dois filhos. No entanto, o caminho até aqui não foi fácil: em minha vida, enfrentei momentos de desentendimentos e dificuldades que nem sempre foram fáceis de superar.

Na minha juventude, eu frequentava uma igreja batista. Minha fé era motivada principalmente pelo desejo de agradar meus pais e ser uma boa filha. Eu acreditava que, se obedecesse a Deus, eu O encontraria. Fui batizada no 4º ano do ensino médio, mas, no fundo, não tinha certeza se havia aceitado Deus plenamente em meu coração. Pouco tempo depois, deixei a igreja.

Um novo horizonte inesperado

As coisas mudaram no colégio, quando conheci Wei Lian. Tornamo-nos muito amigas porque morávamos perto e partilhávamos o mesmo programa de arte. Foi ela que me apresentou pela primeira vez a fé católica. Quando começou a fazer

parte do Opus Dei, convidou-me várias vezes para aulas de doutrina e meditações.

Foi a primeira vez que conheci católicos, que eram calorosos, acolhedores e ficavam felizes de responder às minhas perguntas. Antes disso, achava os rituais e devoções do catolicismo difíceis de compreender. Mas, com o tempo, passei a apreciar a riqueza da fé e a beleza da missa.

Servir aos outros, descobrir Deus

Em dezembro de 2013, participei de uma viagem missionária ao Vietnã organizada por Hillcrest, um centro da Opus Dei para jovens em Cingapura. Foi minha primeira experiência missionária no exterior e uma oportunidade de servir em um país em desenvolvimento. A viagem coincidiu com uma transição profissional e senti que podia oferecer meu tempo e energia aos

outros. Lá conheci Carmen, que organizava a viagem e sempre me pareceu simpática e aberta a compartilhar sua fé.

Embora na época eu não sentisse um chamado espiritual nem imaginasse minha futura conversão, fiquei impressionado com o testemunho da fé católica vivida com generosidade. O padre da aldeia conhecia todos os habitantes e se preocupava com ações concretas para melhorar a vida dos mais necessitados.

Também me impressionaram os tradutores vietnamitas, que acolhiam os idosos e os pobres com grande cordialidade, e as voluntárias de Hillcrest, sempre alegres e entusiasmadas. Tudo isso me fez sentir de maneira especial a presença real de Deus na vida cotidiana desses católicos que rezavam e assistiam à missa todos os dias.

Depois dessa viagem, comecei a trabalhar na área de saúde mental dentro do setor de serviços sociais. Uma colega me convidou para uma igreja metodista, e lá comecei a sentir o desejo de me aproximar mais de Deus. Eu me sentia acolhida e em comunidade, muito diferente da minha experiência anterior. Também me inscrevi em um curso de estudo bíblico de um ano para aprofundar minha fé.

Eu achava que talvez não tivesse lido a Bíblia o suficiente para entender a vontade de Deus para mim. Através da convivência e das atividades de serviço, como visitas a lares de idosos, descobri um crescimento espiritual que superava o que eu havia vivido anteriormente.

Quando os percalços do caminho são uma ajuda

No entanto, foi somente no final de maio de 2015, quando estava na

metade do curso bíblico e já estava há um ano no meu novo trabalho, que comecei a me sentir exausta por ter me dedicado tanto ao meu trabalho. Minha amiga Wei Lian me contou que iria fazer o Caminho de Santiago pela segunda vez com Carmen e me convidou para participar. Eu aceitei. Desta vez, o grupo era pequeno e eu era a única pessoa não católica.

No início, fiquei entusiasmada com a experiência de ser peregrina, passar tempo na natureza, desfrutar do silêncio com Deus e do bom ambiente entre os caminhantes. Mas, com o passar dos dias, comecei a me sentir desconfortável por ser a única que não rezava o terço nem conhecia as histórias “à maneira católica”. Para evitar me sentir deslocada, comecei a caminhar rápido e sozinha.

No entanto, as coisas não saíram como eu esperava. No terceiro dia, fiquei doente. Tinha febre e me sentia muito fraca. Minhas companheiras viram que eu não podia continuar e me ajudaram muito: chamaram um carro e Joanna me acompanhou até a próxima cidade. Enquanto ardia em febre no albergue, me sentia fraca e zangada com Deus. Me perguntava por que Ele me levara a essa viagem para sofrer, se tudo o que eu queria era estar com Ele.

Só pude chegar a uma conclusão: Deus queria me dizer algo. Não conseguia imaginar um Deus malvado que se alegrasse com meu sofrimento. Ao repassar os dias anteriores, compreendi que, embora minhas companheiras tivessem sido gentis, eu mantivera uma atitude cortês, mas distante.

A partir daquele momento, decidi mudar: aprendi a rezar o terço e começamos a ler, revezando-nos, trechos de Caminho, de São Josemaria.

Refleti sobre minha atitude habitual diante da vida e diante de Deus, e comecei a ver semelhanças com o modo como havia começado o Caminho de Santiago. Rezei a Deus para que me mostrasse a verdade: como eu deveria viver minha fé?

Amar a Deus como Ele quer ser amado

Foi em uma pequena capela, perto do final do Caminho, que vi uma imagem de Jesus. Pela primeira vez, rezei diante de uma imagem dEle e perguntei se esse era o caminho para o qual ele me chamava e, se fosse, que me explicasse do que se tratava tudo isso.

Naquele momento, uma amiga se aproximou de mim e me disse que aquela imagem era do Sagrado Coração de Jesus e que lembrava uma oração escrita por uma religiosa francesa. Só quando voltei para Cingapura é que comprehendi a resposta de Jesus.

Depois de assistir à missa diariamente na Espanha, decidi ir à missa também em Cingapura. Foi numa sexta-feira, na Igreja de São José, onde ouvi a oração ao Sagrado Coração de Jesus. Fiquei profundamente comovida com as palavras: “Jesus, ajude-me a amá-lo mais”. Naquele momento, comprehendi que sempre me aproximara de Deus com os meus problemas e necessidades, mas nunca lhe pedira que me ensinasse a amá-lo mais.

O meu caminho para a plenitude da fé

Naquela época, Wei Lian estava acompanhando outra amiga, Janelle, que morava em Jurong, no seu caminho de iniciação cristã (RCIA). O seu processo de confirmação correu bem.

O maior obstáculo que tive que superar foi a irritação da minha mãe, mas graças à graça de Deus, que me deu firmeza e docura, pude ser plenamente recebida na Igreja Católica na Páscoa de 2016.

Hoje dou graças a Deus por como Ele continuou me abençoando todos esses anos. Conheci meu marido, um ex-protestante que também se converteu ao catolicismo em 2020, e dois anos depois descobri minha vocação como supernumerária do Opus Dei, enquanto meu marido se tornou cooperador pouco depois e

atualmente participa das atividades de formação.

Antes de nos casarmos, participei em duas viagens missionárias a Cebu e atualmente dou aulas de formação a um grupo de amigas e cooperadoras.

Em 2023, fomos abençoados com o nascimento de nosso primeiro filho, Gerard, e em 2025, com nossa filha, Joan, justamente na solenidade da Assunção. Naquele dia, senti como se a Virgem me lembrasse de sua proximidade. A experiência da maternidade tem sido linda, embora não isenta de desafios, especialmente pela ausência de minha mãe.

Nestes anos de caminho rumo à fé, aprendi a reconhecer Deus através do silêncio, da reflexão e do serviço aos outros, e sua presença no dia a dia com maior profundidade. Sou especialmente grata pelo apoio e pela formação do Opus Dei, que nos ajuda a educar nossos filhos na fé e me

inspirou a ser uma esposa, mãe, filha e amiga melhor.

pdf | Documento gerado automaticamente de <https://opusdei.org/pt-br/article/chegando-a-fepelo-caminho-de-santigo/> (28/01/2026)